



Centro Universitário de Brasília
Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas (FATECS)

Jonnathas Alvarenga
e
Marcos Felipe

Em busca por uma identidade Trans
Videoreportagem sobre o cotidiano dos transgêneros em Brasília

Brasília-DF
Abril 2012

Jonnathas Alvarenga

e

Marcos Felipe

Em busca por uma identidade Trans

Videorreportagem sobre o cotidiano dos transgêneros em Brasília

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (Uniceub) como pré-requisito para obtenção de certificado de conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Mônica Igreja do Prado

Brasília-DF

Abril 2012

Dedicatória

Dedicamos este projeto aos indecisos *transitórios de gênero*. Foi assim que denominamos todos aqueles que, sejam por opção ou não, decidiram levar uma vida cheia de sofrimento passando por situações difíceis, muitas vezes apenas pela sobrevivência e em outros casos pelo prazer em desafiar a natureza.

Aos Transgêneros...

Agradecimentos

Somos gratos aos nossos familiares, principalmente a nossas mães, que colaboraram diretamente para concretização desse produto, aos nossos amigos, que contribuíram nas filmagens e marcações de entrevistas com os personagens principais, a ANAV (Associação do Núcleo de Apoio e Valorização à Vida dos Travestis, Transexuais e Transgêneros do Distrito Federal e Entorno), aos professores Hilan Benssusan e Mônica Prado, o técnicos Jacson e os editores desse produto.

Jonnathas Alvarenga e Marcos Paixão

Resumo

Em busca por uma identidade trans: Videorreportagem

Este produto não tem a pretensão de servir como base teórica para pesquisas sobre transexualidade, nem direcionamento para pessoas que tenham algum tipo de indecisão sobre seu gênero (sexo), e sim contribuir para diminuição do preconceito entre gêneros que não sejam heterossexuais. A total ou parcial indecisão sobre qual grupo de gênero pertencer é que norteia este trabalho. Identificar e esclarecer, mostrando experiências de vida, pode facilitar o processo de compreensão dos indivíduos e na vida deles dentro da sociedade.

Palavras-chaves: Identidade, gênero, videorreportagem, transgêneros

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	7
2. OBJETIVO GERAL	8
2.1 OBJETIVO ESPECÍFICO.....	8
3. JUSTIFICATIVA.....	9
4. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA.....	10
5. PRODUÇÃO	12
6. BRIEFING.....	15
7. O PRODUTO	16
8. CONCLUSÃO	18
9. REFERÊNCIAS	19
10. APÊNDICES:.....	21

1. Apresentação

Com o advento da internet, das mídias sociais, dos sites e o próprio convívio e exemplo de outros casos, os indivíduos que se encontram em situação de indecisão de gênero têm mais possibilidade para definirem em qual grupo se identificam, mesmo transitando entre esses gêneros.

É de grande importância social o conhecimento e esclarecimento de questões pouco discutidas entre as famílias, por conta de tabus que não são desfeitos pelas novas gerações. Informar, divulgar e esclarecer situações em que seres humanos são quase sempre subjugados é interessante, mas mostrar, por meio de imagens, que os grupos marginalizados também conseguem atingir objetivos comuns é mais interessante ainda.

Desde as primeiras ideias pensadas para começar este trabalho de conclusão de curso muitas coisas foram mudadas, não só no trabalho em si, mas na nossa visão como jornalistas sobre o assunto transgeneros. A procura por uma identidade trans hoje é vista por nós idealizadores do projeto com outros olhos, um olhar social mais aguçado e interessado em ajudar esses indivíduos.

O privilégio de mostrar essa nuvem turva de falta de informação que paira entre o gênero masculino e feminino, por uma procura de identidade, é o que nos motivou a produzir essa vídeoreportagem que esclarece algumas dúvidas e ao mesmo tempo deixa outras no ar. Será que essas pessoas escolhem ser assim, ou já nascem assim? A mudança de sexo é mais físico ou mental?

2. Objetivo Geral

A decisão de fazer uma videoreportagem tem como objetivo demonstrar algumas dificuldades enfrentadas por homens e mulheres, que muitas vezes buscam por uma identidade que ainda parece não ser definida, suas dúvidas, conquistas e estórias.

2.1 Objetivo Específico

Após o produto finalizado, usá-lo para dar um feedback aos personagens, e maiores interessados sobre o tema, já que, a decisão de produzir esse vídeo partiu de um questionamento de um transexual sobre as tantas entrevistas que ele já havia dado e nunca obteve nenhuma resposta delas e muito menos melhoria na qualidade de vida ou maior respeito dos cidadãos.

3. Justificativa

As desigualdades existem e é fato que sempre existirão. A forma como lidamos com elas é o que pode fazer a diferença. Costumes tradicionais, culturais, normas de conduta ou amparos legais, ditam como devemos agir diante situações de preconceito, racismo ou de qualquer constrangimento que uma pessoa possa sofrer.

A indecisão do indivíduo sobre sua identidade de gênero implica diretamente nessa transição entre os gêneros, e quando tratamos do termo gênero, falamos sobre o sexo masculino e feminino. A pessoa não se sentir confortável com o gênero de nascimento, ou seja, se é homem, se comporta como mulher e se é mulher, se comporta como homem, isso tudo de forma não forçada.

Para os grupos ditos marginais, como é o caso dos transexuais, travestis ou transgêneros, muitas vezes o preconceito parte dos próprios familiares, que fazem de tudo para modificar a vida do indivíduo e por final, quase sempre acabam despejando-os de casa, restando-lhes poucas alternativas de trabalho e outras formas de vida que levam a marginalização social.

Nós acreditamos que, como profissionais de comunicação (jornalistas) e acima de tudo cidadãos, podemos fazer nossa parte para contribuir socialmente e tentar reparar as injustiças cometidas pela comunicação errada ou a falta de comunicação no que diz respeito aos transgêneros do nosso País.

4. Contextualização Teórica

Não há uma data exata para o nascimento dos termos, mas há registros de alguns acontecimentos que marcam a existência das diferenças que intercalam os gêneros masculino e feminino, como afirma Henry Frignet (FRIGNET, Henry, 2002, p.23 e 24).

“A história do transexualismo é quase sempre apresentada de modo muito estereotipado. O que marca o ato de nascimento do fenômeno é a intervenção praticada em fins de 1952, em Copenhague, por iniciativa do doutor Christian Hamburger, num americano de vinte e oito anos de origem dinamarquesa, George Jorgensen, ex-soldado americano, tornando o caso *princeps* dessa patologia. O caso Jorgensen serve de matriz às observações dos primeiros pacientes submetidos a uma terapêutica tornada agora das mais correntes: uma transformação da aparência sexual por via hormonal e cirúrgica. Ela associa um tratamento endocrinológico que visa diminuir tanto quanto possível a importância dos caracteres sexuais secundários do sexo recusado, para, ao contrário, aumentar sua expressão do lado do sexo desejado. Para os homens submetidos a um tratamento feminilizante, este tem por efeito uma redução da musculatura, uma involução dos testículos e do pênis, que se acompanham de um desenvolvimento dos seios e de um crescimento da importância dos invólucros adiposos”.

O termo transgênero teve seu início nos anos oitenta. O termo foi criado por Virgínia Prince (Ativista norte americano transgênero) para intitular travestis masculinos heterossexuais (crossdressers) em seus primeiros livros de auto-ajuda “O travesti e Sua Esposa e Como Ser Uma Mulher Sendo Homem (The Transvestite and His Wife e How To Be a Woman though Male)”.

A transição de gênero está ligada a um distúrbio de sexualidade, identificado por meio de terapia, ou seja, da personalidade do indivíduo e não diretamente a cirurgia de redesignação sexual, sendo assim, a cirurgia faz parte de uma das etapas desse processo na mudança de gênero, que também é feita por hormônios, entretanto, um dos pontos cruciais para interpretação das questões de gênero estão explícitas nas palavras de Henry Frignet (FRIGNET, Henry, 2002. p. 91).

“O novo conceito, que é o gênero, é uma noção variável determinado pelo desejo de cada um. Cada indivíduo é doravante é portador de uma identidade - dita de gênero- a um só tempo sexuada e sexual, deixando de fato à sua mera apreciação pessoal. Quanto ao resto, caberá à

medicina e aos tribunais darem ao indivíduo o sexo que ele deseja, em sua aparência e em sua nomeação”.

Sendo assim, a orientação sexual é direcionada pelo a libido, sendo ele, heterossexual, homossexual ou bissexual, como especifica Ana Paula Peres (PERES, Ana Paula, 2001, p.91)

(...) a identidade de gênero se traduz num sentimento do indivíduo quanto a sua identificação como homem ou mulher. Isso porque a nossa estrutura social consegue conceber o sexo de forma apenas dicotômica, na sua versão masculina ou feminina.

A definição comportamental que Robert J. Stoller cita sobre o transexual define o sentimento do individuo com relação a si mesmo (STOLLER, Robert.J, 1982, p.76).

O transexual diz que sente em seu íntimo, psicologicamente que ele é feminino e mulher. Ele prefere vestir roupas de mulher e viver permanentemente o papel social de mulher. Além disso, faltam-lhes especificamente interesses masculinos. Ele se sente miserável com roupas de homem e reconhece que, por causa de sua feminilidade, parece esquisito aos outros, como homem. (...) o transexual sabe que é anatomicamente normal e de um sexo mas, apesar disso, tem um profundo sentimento de que *e/le* (sua identidade) é do sexo oposto.

Sobretudo, o travesti não é um covarde que se esconde por trás de uma roupa porque não tem coragem de se mostrar e que o transexual não é aquele travesti que fez cirurgia de redesignação sexual (troca de sexo). (FRIGNET, Henry, 2002, p.10).

(...) o transexualismo não tem muita relação com a homossexualidade. Bem mais, a maioria dos travestis nada tem em comum com os transexuais.

Vale ainda ressaltar uma observação bastante pertinente feita por José Carlos Garcia em seu livro *Problemas da identidade sexual* que faz uma diferenciação comportamental sobre os transexuais e travestis.

“O transexual não contesta a diferenciação entre os sexos: ele a acata em sua formalidade exterior, em seu aspecto de convenção, mas recusa-se a identificar-se com o que lhe apresenta os contornos anatômicos. Já o travesti sabe muito bem o que lhe impõe a realidade; reconhece-a , mais, ao mesmo tempo, recusa-a, fazendo seu desejo conduzi-lo à burla dos limites da castração”.

Entre as maiores reivindicações dos transexuais, travestis ou transgêneros, estão à mudança do registro civil e a diminuição do preconceito por meio de informação da sociedade, como afirma Henry Frignet (FRIGNET, Henry, 2002, p.94).

Mais ou menos, com algumas variações conforme as culturas, a identidade, em direito, se compõe dos poucos elementos constituídos pelos nomes e prenomes, o sexo, a data de nascimento, a filiação, em geral descritos num registro oficial. Eles compõem, nas variantes dos direitos nacionais oriundos do direito romano, o estado da pessoa. Estão submetidos ao princípio fundamental da “indisponibilidade”: não pertencem ao indivíduo, a título de um bem de que ele poderia dispor e que ele teria a liberdade de modificar à sua guisa, mas não de ordem pública – por oposição ao que tem a ver com a ordem privada; eles definem e delimitam o sujeito aos olhos do corpo social do qual ele faz parte.

5. Produção

A produção foi executada a partir de pesquisas e do levantamento de informações sobre o tema, seguido por entrevistas e depoimentos dos personagens envolvidos: Professor Hilan, na época, Coordenador do NEDIG (Núcleo de Estudos da Diversidade Sexual e de Gêneros) da Universidade de Brasília, reunião da ANAV (Associação do núcleo de apoio e valorização à vida dos travestis, transexuais e transgêneros do Distrito Federal e entorno) e depoimentos de transexuais no ambiente de prostituição.

Primeiramente, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) estava voltado ao tema “vida noturna”, e seria abordado na forma de documentário com o nome já de “Boca do mijo”.

Utilizando uma câmera filmadora e um microfone, fomos às ruas explorar os locais previamente determinados. Sempre no período da noite e indo madrugada adentro nos deparamos com diversos personagens que poderia participar do documentário. Nos primeiros dias de gravação, usando uma abordagem indireta, procurando no primeiro contato não expor que éramos jornalistas por busca de imagens para um documentário. Conseguimos declarações das garotas de programa sobre sua vida pessoal e profissional. O primeiro contato com as garotas assustava e quase ninguém queria participar sendo filmada pela câmera, muitos depoimentos foram obtidos em *off* e não puderam ser gravados como o esperado. Então optamos em pagar o preço do “programa” para obter as entrevistas desejadas para o andamento do documentário.

No meio da madrugada em um ambiente habitado por garotas de programa não era fácil andar com nossa câmera filmadora, pois existiam pessoas que estavam ali e não podiam ser vistas assim como garotas de programa que tinham uma vida social ativa durante o dia, estudando, cuidando de filhos ou mesmo, que a família não sabia dos hábitos noturnos. Por se tratar de um ambiente perigoso e hostil, as garotas de programa estão sujeitas a qualquer tipo de violência e por isso acabam buscando proteção nos cafetões, que por conta desse trabalho de proteger essas garotas ficam com uma parte do dinheiro arrecadado por elas na noite.

Na procura pelas melhores imagens, filmamos à distância garotas de programa a espera de trabalho no setor comercial sul e fomos percebidos por elas que solicitam a presença de seus cafetões, e a partir disso, começou uma perseguição ao nosso veículo que impossibilitou nosso trabalho. Após esse fato começamos a pensar em uma mudança de tema.

Objetivando enxugar o assunto e em busca de algo diferente, começamos a pensar na situação dos travestis. Primeiramente o que mais nos chamou a atenção foi a questão do trabalho, de se expor e chamar a atenção muito mais do que garotas de programa, porque elas (travestis) precisam parecer mulheres e geralmente ficam praticamente nuas na rua. Mesmo elas se mostrando muito desinibidas, é muito difícil chegar perto dos travestis para conversar e muito mais ainda para filmar.

Existe muito preconceito contra esses indivíduos não só por parte da sociedade, mas também pelas próprias pessoas que trabalham na noite, elas sofrem agressão física e moral e é muito difícil conseguir uma entrevista. Os melhores depoimentos foram conseguidos em off. Foi desses depoimentos que percebemos uma necessidade de um apoio, por uma atenção, que culminaram no tema central do nosso trabalho, os transgêneros.

Percebemos que o principal motivo pelo qual os travestis se prostituem é por uma questão de exclusão social, de não poder ter ou ocupar cargos que tenham que se mostrar fisicamente. O caso dos travestis se engloba em uma discussão maior que e requer mais atenção. Existem associações que juntam essas pessoas para militarem

pelos seus direitos, organizações com uma função social de apoio moral e psicológico aos travestis. E com ajuda do professor Hilan Bensusan conseguimos acesso a uma reunião de uma associação de travestis para registrar uma parte da história de cada uma das integrantes.

Após uma discussão e análise do material optamos pela mudança do produto documentário para videoreportagem, por entendermos que as imagens e informações se encaixaram melhor neste tipo de produto e atingiríamos nossos objetivos dessa forma.

A videoreportagem nos possibilitou uma visão mais ampla sobre nossa profissão (jornalista) já que tivemos de desenvolver todos os processos que envolveram a produção desse vídeo e tivemos a liberdade para improvisar da forma que mais nos agradasse. A produção, reportagem, filmagem e edição foram feitas e supervisionadas por nós, pois a preocupação em nos tornarmos *jornalistas multimídia* é cada dia maior, pela própria exigência do mercado.

6. Briefing

A ideia de fazer essa videoreportagem surgiu após filmagens avulsas sobre a vida dos personagens noturnos (transeuntes, garotas de programa, travestis, trabalhadores ambulantes etc.) sem análise prévia. Nós nos reunimos para verificar o que tínhamos de fita bruta e escolhemos o tema sobre transexuais, pois acreditamos que seria um bom nicho para desenvolver um trabalho de conclusão de curso.

O maior desafio foi escolher a abordagem e direcionar a reportagem. Nesse aspecto contamos com a ajuda dos professores que nos orientaram no decorrer do semestre.

Depois de longas horas de gravação para um projeto paralelo ao TCC, notamos a falta de conhecimento, a dificuldade de auto definição de gênero e o conflituoso processo de busca de identidade entre essas pessoas, sejam transexuais, travestis, gays ou lésbicas.

Então, navegamos por este mar de informações conflituosas e decidimos apostar neste tema: A busca por uma identidade trans.

7. O produto

Em busca por uma identidade trans

Nosso produto tem como base, a vida do transexual, travesti ou transgênero. Primeiramente gostaríamos de classificá-los, identificá-los e distingui-los para depois irmos em busca do objeto do projeto que pretende nortear os fatores que dificultam o entendimento sobre o que intercala o gênero masculino e feminino - no próprio indivíduo e na sociedade.

Distinguir um gay ou uma lésbica de um transgênero ou hermafrodita pode ser mais difícil do que parece. Eles próprios nascem com essas dúvidas e ao longo de suas existências vão se encaixando e migrando entre grupos que melhor simpatizam.

A preocupação é grande, pois várias pessoas ceifam a própria vida por não terem um direcionamento, orientação ou estrutura para suportar essa situação de indefinição do seu gênero e se culpam por não definirem conforme a família e a sociedade cobra, como explicou o professor e ex-coordenador do Núcleo de Estudos e Diversidade Sexual e Gênero (NEDIG) da Universidade de Brasília, Hilan Bansussan na videorreportagem

“É como na história de uma criança que teve que amputar o pênis por um problema de fimose. A família levou a criança ao médico que resolveu fazer uma cirurgia para adaptar aquele pênis amputado numa vagina. Mais tarde, na adolescência, aquele garoto se mostrava cada dia mais masculino e todos perceberam que foi um grande erro tomar aquela decisão. Naquela situação o rapaz não aguentou e suicidou-se”

Logo na abertura da videorreportagem, em que aparece na imagem um travesti (Lais) que vem em direção a câmera, nós nos deparamos com vários outros transgêneros e percebemos o quanto eles demonstram resistência para aparecer e dar depoimento para as câmeras. Por outro lado, os travestis mais informados e seguros, apesar de demonstrar insegurança ao falar da própria vida, são desinibidos e não se preocupam em se exporem, como o trans “Carla”.

“A sociedade é hipócrita e machista. Eu não sofro muito porque sou bonita, então todos me respeitam porque acham que sou uma mulher de verdade, mas quando descobrem o que sou de verdade, sofro preconceito como todas as outras”.

Uma das experiências mais marcantes do trabalho foi quando a Associação do Núcleo de Apoio e Valorização à Vida de Travestis, Transexuais e Transgêneros do Distrito Federal e Entorno (ANAV) nos recebeu bem no dia de uma reunião na sede localizada no Setor Comercial Sul em Brasília. Na reunião participou cinco transexuais com uma realidade bem diferente dos outros que conhecemos na noite. Todos bem empregados, funcionários públicos que conseguiram seus direitos civis e serem respeitados na sociedade, mas que sofreram para entender quais eram seus próprios objetivos de vida, como podemos ver no depoimento da trans “Bianca” na parte final da videorreportagem. “Eu demorei quando fui buscar a transexualidade mais o que foi mais importante foi descobrir a travestilidade da minha vida”.

A videorreportagem termina com pouco mais de 10 minutos e mostra imagens da w3 norte, Avenida bastante freqüentada pelos transgêneros.

Esta videorreportagem pode ser conferida na versão digital e se encontra no apêndice deste trabalho de conclusão de curso.

8. Conclusão

Logo nas primeiras entrevistas deste trabalho, observamos que as questões de gênero vão muito além do que havíamos aprendido sobre o homem ser homem porque tem pênis e a mulher ser mulher porque tem vagina.

A grande questão se estende sob a vontade do indivíduo em não ser o que ele gostaria de ser. Hoje em dia, o travesti que quer mudar de sexo, faz uma cirurgia de readequação para mudança e satisfaz sua necessidade, mas quando uma criança nasce com alguma anomalia na genitália e os responsáveis decidem fazer a escolha pelo sexo dele, sem saber o que ele gostaria de ser quando se desenvolver? Será que somos preparados para lidar com este tipo de situação? Atualmente como se dá esse processo de definição de gênero para esse público marginalizado? Vários depoimentos de travestis mais velhos relatam as dificuldades para se assumirem em tal condição após os 40 anos de idade, e hoje, como é feita essas escolhas pelos mais jovens?

Estas e outras questões ficarão sem respostas, mas a base deste trabalho servirá para futuras videoreportagens sobre o mesmo tema, que poderá desencadear uma série de esclarecimentos para a sociedade e para os próprios indivíduos que protagonizam essa história.

9. Referências

AMARAL, Sylvia Mendonça do. Manual Prático dos Direitos dos Homossexuais e Transexuais. Coleção Perguntas e Respostas. São Paulo: Edições Inteligentes, 2003.

ARAUJO, L. A. D. . A proteção constitucional do transexual. 1. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2000. v. 2000.

EGYPTO, Antonio Carlos. Orientação Sexual na Escola: Um projeto apaixonante. São Paulo, Cortez, 2003.

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. Sexualidade e gênero – Uma abordagem conceitual. In: Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes. (Org.). Ensaaios sobre Educação, Sexualidade e Gênero. Salvador: Helvécia, 2005.

FRIGNET, Henry. O transexualismo. (tradução Procópio Abreu) Rio de Janeiro. Companhia de Freud, 2002.

FRY, Peter. Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FOUCAULT, M. A história da sexualidade. 1993.

GARCIA, J.C., Problemática da identidade sexual. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001

JAYME, Juliana Gonzaga. Travestis, Transformistas, Transexuais e Drag – Queens: personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa. 2001. 270 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

LOYOLA. Maria Andréa (Org.). Bioética: reprodução e gênero na sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: ABEP; Brasília: Letras Livres, 2005.

MACRAE, Edward. A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PERES, A. P. A. B. Transexualismo, o direito a uma nova identidade sexual. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

SILVA Hélio R. S. Travesti: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará: ISER, 1993.

SILVA, Hélio R. S. Travestis: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

STOLLER, R. J. A Experiência Transexual, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1982.

10. Apêndices:

Versão digital da videoreportagem:

Em busca por uma identidade trans. Uma Videoreportagem sobre o cotidiano dos transgêneros em Brasília.

Habitante da meia noite

(Poesia de Marcos Paixão sobre as impressões do trabalho)

Eu vi teu desejo ruir aos passos de uma esquina

De pé todas estão, mas dessa vez não serei teu freguês

Os sorrisos mais sinceros se perderam nos lugares mais imundos...

Essa noite tem passado rápida demais e logo não será mais do que lembranças

Mas para você é rotina maçante e bem longe do caminho de casa

O amor é importante demais para se pervertir pelos teus desejos

Onde você se esconde existe um labirinto de sentimentos

Às vezes nem sabe bem o que está fazendo, mas quer voltar para aquele sorriso que a fez partir...

Ela já perdeu o caminho do céu para o qual nunca foi apresentada

O por do sol está chegando e mais uma vez seu olhar se perde

São tantas promessas, tantas bocas, e em comum somente as mentiras

Sua alma está tão vazia que anos disso não farão diferença

Você leva o escombros da tua vida nas costas

E as lágrimas têm umedecido o peso do dia

Não importa quem a trouxe aqui

Não existe amor, somente recompensa pela dor que foi tatuada nos teus olhos

Seu coração vai bater sempre automaticamente do lado de dentro dessa jaula

Cuidado com as pedras no caminho

Lembre-se delas quando lhe permitirem fazer o caminho de volta